

## OS NÚCLEOS TEMÁTICOS DA ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI*

S. João de Latrão, 15 de novembro de 2020.

Card. GIANFRANCO RAVASI

### Uma premissa

Começaremos com um conto espiritual do budismo tibetano que, apesar de não ser mencionado na encíclica, é significativo. Um homem avança sozinho no deserto por uma trilha que se perde no horizonte. De repente, ele percebe que, ao longe, pelo mesmo caminho, segue um ser ainda indistinguível. Poderia ser uma das feras que habitam nesses espaços desolados: o coração do viandante começa a bater mais forte de medo, até porque não se veem abrigos, nem pessoas que te ofereçam algum apoio na estepe. Portanto, deve continuar a caminhar. Mais adiante, consegue-se identificar melhor aquela forma: é um homem. Isso não significa que o medo cesse, porque poderia ser um salteador perigoso. Deve-se prosseguir atento para o risco de um assalto. Agora o viajante já não tem coragem de erguer os olhos. Ele ouve os passos do outro cada vez mais perto. Agora estão frente a frente: ele olha para cima e fixa o rosto que está à sua frente. Então, a surpresa transforma-se em grito: “É o meu irmão que não vejo há tantos anos!”.

Quisemos evocar no início esta antiga parábola de uma religião e cultura diferentes, para mostrar como o anseio que permeia a nova encíclica do Papa Francisco *Fratelli tutti* faz parte do fôlego espiritual de toda a humanidade. Não é à toa que no texto encontramos até mesmo algumas citações "laicas" inesperadas como, por exemplo, a do poeta e músico brasileiro Vinícius de Moraes (1913-1980) que no seu *Samba da Bênção*, um disco de 1962, cantava: “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida ” (n. 215). Também se reconhecem a inspiração e os estímulos oferecidos pelo Patriarca Ortodoxo Bartolomeu e pelo Grão-Imã Ahmad Al-Tayyeb do Cairo (n.5). É ainda surpreendente que se façam três referências ao filme *Papa Francisco - Um homem de palavra* (2018) do diretor alemão Wim Wenders, onde a voz do protagonista se alinha com a de São Francisco (n. 48), exalta as diferenças criativas (n. 203).e conclui com uma passagem luminosa: “Deus não olha com os olhos, Deus olha com o coração. E o amor de Deus é o mesmo para cada pessoa, seja qual for a religião. E se é um ateu, é o mesmo amor. Quando chegar o último dia e houver a luz suficiente na terra para poder ver as coisas como são, não faltarão surpresas!” (n. 281).

## Um tríptico de temas

Após esta premissa, chegou o momento de entrar diretamente no texto papal, que inicia na esteira do apelo de Francisco de Assis nas suas *Admoestações*: o pontífice dirige-se a "todos os seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida inspirada no Evangelho". A encíclica desenvolve-se segundo um estilo que pode ser comparado ao movimento das ondas durante a ressaca na costa marítima: se as contemplarmos à luz da lua, descobrimos que ocupam constantemente mais ou menos os mesmos espaços, mas fazem-no de uma forma sempre nova, como vista no jogo das ondas e no brilho das suas cristas iluminadas pelos raios da lua. O retomar dos temas é contínuo – mas nunca são meras repetições – mas sim novos olhares, eflorescências inéditas, recriações inesperadas que reafirmam de forma incisiva o tema dominante e revelam novos vislumbres do mar humano, espiritual e sociocultural que é “a fraternidade e a amizade social”, já expressa no subtítulo da encíclica.

O nosso percurso pelos oito capítulos e 287 parágrafos da obra papal, concluída com duas intensas orações - uma ao Criador universal, "Pai da humanidade" e outra de cunho cristão-ecuménico - terá como objetivo apenas isolar alguns núcleos temáticos, excluindo assim uma exegese sistemática do texto. Fá-lo-emos por meio de uma espécie de tríptico que tenta resumir um texto muito grande, simplificando-o, permitindo a leitura contínua a quem deseja interpretar a sua multiplicidade e riqueza de ideias. Optaremos também por reduzir as citações diretas da encíclica, apontando antes as considerações temáticas.

### Primeira tábua do tríptico: "As sombras de um mundo fechado"

A primeira tábua do nosso tríptico é obscura e corresponde ao primeiro capítulo da encíclica no qual o Papa, com muito realismo, delineia o horizonte sombrio em que estamos imersos. O título em si é emblemático: *As sombras dum mundo fechado*. Aqui estão apenas alguns sinais destas trevas que se apoderam do nosso planeta e da era atual. Os sonhos de uma Europa unida, as aspirações de integração, a própria globalização, estão todos comprometidos pela ameaça dos nacionalismos e soberanismos, dos individualismos, dos egoísmos. Manipulam-se palavras e valores fundamentais como democracia, liberdade, justiça. A multidão de “descartados” cresce, deixada à margem pela aceleração cada vez mais frenética e pelo consumismo que alimenta necessidades supérfluas. Os conflitos regionais multiplicam-se (a "terceira guerra mundial em pedaços") com os seus relativos medos e misérias.

As agressões, explosões de ódio, falsidades descaradas, manipulações e fanatismos estão a aumentar nas redes digitais. A cultura digital, em vez de unir como é insito na sua própria estrutura comunicativa, divide e cria desigualdades e confusões. Contudo, neste capítulo e nos subsequentes, este realismo nunca é dissociado da esperança e da confiança na humanidade. Pelo contrário, toda a estrutura sucessiva da encíclica é propositiva, tornando-se um apelo concreto a percorrer caminhos que restaurem "uma fraternidade e uma amizade social".

É nesta perspectiva que entra em cena uma figura exemplar que se aproxima do “mundo fechado”. Isso é descrito no capítulo 2 com o título simbólico: *Um estranho no caminho*, narração bem conhecida, presente num trecho do Evangelho de Lucas (10,25-37) e que o Papa evoca no título, isto é, a parábola do Bom Samaritano. Uma trilha nas montanhas áridas no deserto de Judá desce, de penhasco em penhasco, dos 800 metros de Jerusalém, até aos mais de 300 metros abaixo do nível do mar do oásis de Jericó. Um corpo ensanguentado jaz à beira dessa estrada: um grupo de bandidos deixou-o assim, abandonando-o na solidão da estepe. A espera de um passante torna-se espasmódica para o leitor que acompanha a cena, quase ouvindo a narração de Jesus. Finalmente, ao longe, surge um sacerdote do templo de Sião que, tendo terminado o seu culto, retorna a Jericó, cidade onde residem sacerdotes.

Imediatamente, porém, a decepção: “quando o viu, passou ao largo” do outro lado da pista, preocupado em não se contaminar com o sangue de um ferido ou talvez, pior ainda, com um cadáver. De acordo com a lei bíblica, de facto, esse contato tê-lo-ia incapacitado para o culto por um certo período, tornando-o "impuro". Então, ouvem-se outros passos: é um levita, também ele dedicado ao serviço litúrgico no templo de Jerusalém. A decepção de novo: ele também "viu e passou ao largo". A tensão agora está no auge. Para aquele pobre homem meio morto, a esperança desvanece.

Há, porém, um terceiro viandante, um samaritano: pode-se esperar algo de bom de um "herege", adversário dos judeus, apesar de coabitarem na mesma terra? No entanto, só ele para, aproxima-se e inclina-se sobre o infeliz: olha-o e sente "compaixão" por ele. Esta palavra não nos deve enganar, remetendo-a à piedade genérica de um trabalhador da saúde: no grego do Evangelho de Lucas é o verbo mais "apaixonado" que "compassivo", o do amor misericordioso. É, de facto, o termo grego *splanchnízomai* que denota o instinto materno, a emoção mais íntima, intensa e delicada.

Não é à toa que o amor do samaritano é laborioso e afetuoso: ele trata as feridas como pode, derrama vinho e óleo sobre elas, segundo os métodos antigos de primeiros socorros, carrega a vítima na sua cavalgadura e só a depõe quando chega ao primeiro caravançarai, que funciona também como estalagem e por duas vezes Jesus recorda o seu "cuidar" desse infeliz, não hesitando

em contribuir pessoalmente com dinheiro para as despesas da estadia. O relato do Evangelho é muito cuidadoso ao enfatizar a dimensão pessoal destes atos. É o que indica a história através da repetição insistente do pronome pessoal grego *autós*: "passou por ele, aproximou-se dele, tratou as suas feridas, carregou-o na montaria, levou-o para a hospedaria, cuidou dele... Cuide dele!".

O sacerdote e o levita personificam a religiosidade rígida e formal que nos separa do nosso próximo. O samaritano representa a verdadeira fé que se une à dor dos outros com misericórdia para aliviá-la. Se quiséssemos atualizar o impacto que a parábola gerava na audiência de Jesus, poderíamos reescrever a história como fez um exegeta bíblico. "Imagina tu, branco racista, talvez afiliado à *Ku Klux Klan*, tu que fazes alarido quando um homem negro ou asiático entra num lugar público e não perdes a oportunidade de expressar o teu desprezo e aversão em relação àqueles que são pessoas de cor... Imagina que ficas envolvido num acidente de carro numa rua pouco movimentada e que ficas ali sangrando, enquanto raramente passa um carro com um condutor branco, que abrandas mas não pára. Imagina que a dada altura um médico negro passa por ali e pára para te ajudar...".

É importante também refletir sobre essa história de Jesus e a pergunta daquele doutor da lei: "Quem é o meu próximo?". Uma questão "objetiva", quase académica, destinada a definir quem é o verdadeiro próximo que merece tal título. No final, é Jesus quem levanta a questão novamente, porém, de forma bem diferente: "Qual destes três era próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?". A inversão é evidente e também é notada pelo Papa na sua retomada da parábola: em vez de discutir "objetivamente" sobre a definição de próximo (italiano, europeu, africano), Cristo convida-nos a comportarmo-nos "subjetivamente", como um próximo para os necessitados que pedem a nossa humanidade e a nossa misericórdia.

O Papa Francisco acolhe, portanto, o ensinamento de estender concretamente as nossas mãos aos "abandonados", desligando-nos da indiferença de uma sociedade que ignora os sofrimentos e as feridas de muitos, que vira a cara para o outro lado diante do desventurado, assim como o fizeram o sacerdote e o levita na parábola. A Igreja, pelo contrário, deve estar na linha da frente da história, caminhando junto com os marginalizados, nas favelas, nos subúrbios das metrópoles onde a violência e os abusos são abundantes. Assim se abre o horizonte luminoso do compromisso e da fraternidade.

### **Segunda tábua do tríptico: «Gerar um mundo aberto»**

Este é o segundo quadro do nosso tríptico: está no centro porque é o maior e mais rico, abrangendo os capítulos 3-6 da encíclica. O título poderia ser aquele que contém o terceiro e quarto

capítulos: *Pensar e gerar um mundo aberto, um coração aberto ao mundo inteiro*. Como é evidente, a locução é "mundo aberto". É uma questão de dissipar as trevas do horizonte sombrio, de quebrar os trincos das portas trancadas de um "mundo fechado". Aqui multiplicam-se as ideias positivas, as exortações gerais e específicas que só podemos exemplificar. O que se propõe não é apenas uma abertura geográfica, mas sobretudo a existencial que transcende fronteiras. Assim, reafirma-se uma tetralogia verbal muitas vezes reiterada nas intervenções do Papa Francisco: “acolher, proteger, promover e integrar” (a este respeito, leiam o intenso n. 130 sobre a atenção aos fenómenos migratórios).

Um percurso de compromisso concreto é reservado principalmente à *política*, à qual todo o capítulo 5 é dedicado, como expressão do zelo pelo bem comum. São muitos os aspetos que se destacam, a começar pela proteção da dignidade humana, verdadeira pedra angular da ação política. Este facto tem como corolário necessário o envolvimento dos excluídos na construção da sociedade e, de um modo geral, a solicitude em relação ao trabalho. Uma nota que tem suscitado diferentes reações é a crítica ao populismo: por meio dela o líder instrumentaliza a cultura e a sensibilidade de um povo. Paralelamente, é feita uma crítica ao liberalismo económico radical, incapaz de uma justiça social equilibrada. É interessante a observação segundo a qual a política não deve render-se e submeter-se totalmente à economia, principalmente quando esta se reduz ao paradigma da tecnocracia financeira (n. 177).

Passa-se, então, para a *sociedade* que deve hastear duas bandeiras que dão o título ao capítulo 6: *Diálogo e amizade*. Na prática, trata-se da cultura do encontro que entrelaça as várias expressões populares, académicas, artísticas, tecnológicas, familiares, mediáticas, económicas, juvenis e assim por diante. É a sociedade pluralista, voltada para a busca da verdade autêntica, que o Papa Francisco retrata com uma bela imagem que lhe é cara, a do poliedro de múltiplas faces que exclui a do monólito exclusivista. Ou, se preferirmos, é a referência à construção de pontes ideais sobre as quais correm o diálogo e o encontro entre margens diversas, com diferentes perspetivas. É significativo nesta abordagem o apelo para "recuperar a bondade" que São Paulo considera fruto do Espírito de Deus (*Gálatas* 5,22) e que o Papa já incentivou ao valorizar pequenos gestos quotidianos como "obrigado", "desculpe", "com licença".

Também aproveitamos esta oportunidade para destacar um componente que gerou críticas totalmente desarticuladas. Seguindo toda a tradição da Igreja, o Papa Francisco reafirma o primado da destinação universal dos bens, à qual deve ficar subordinada a propriedade privada como instrumento operacional. Pelo contrário, ela muitas vezes assume o papel de dogma supremo. E fá-lo citando um trecho explícito da *Centesimus annus* (1991) de São João Paulo II: “Deus deu a terra a todo o género humano para que ela sustente todos os seus membros, sem excluir nem

privilegiar ninguém”. Gostaríamos de acrescentar as palavras ardentes de Santo Ambrósio na sua obra *De Nabet*: “A terra foi criada como um bem comum para todos, para os ricos e para os pobres. Porquê, então, ó ricos, reivindicais o direito exclusivo sobre o solo? Quando ajudas o pobre, tu, rico, não lhe dás o que é teu, mas dás-lhe o que já é dele. Na verdade, a propriedade comum que foi dada para o usufruto de todos, é usada só por ti. A terra é de todos, não só dos ricos. Por isso, quando ajudas o pobre, devolves-lhe o que lhe é devido, não lhe dá uma dádiva tua ”.

Em consonância com a análise da ética económica desenvolvida na encíclica, deve-se ressaltar a crítica evangélica que o Papa faz, em diversas ocasiões, aos abusos dos modelos financeiros e à prevaricação das leis do mercado, consideradas normas intangíveis, assim como é interessante o apelo à atividade empresarial, “uma nobre vocação, orientada para produzir riqueza e melhorar o mundo para todos” (n. 123), garantindo assim o trabalho, a habitação, o desenvolvimento e a superação da miséria. A disponibilização dos meios digitais a um maior número de pessoas é uma meta a ser alcançada no contexto social contemporâneo, sem prejuízo da já referida condenação dos “movimentos de ódio ou destruição” veiculados por essas ferramentas. “O maior perigo não reside nas coisas, na realidade material, mas na maneira como as pessoas as utilizam” (n. 160).

### **Terceira tábua do tríptico: o diálogo intercultural e inter-religioso**

Depois de delinear e examinar os dois grandes horizontes da política e da sociedade, a encíclica dedica os dois capítulos finais, 7 e 8 , a uma visão coral e de dimensão universal, abordando os valores de todas as culturas e religiões. De facto, a fé, embora respeitando a autonomia da política e das estruturas sociais, não deve ficar à margem da construção de um mundo melhor, comprometendo-se com o desenvolvimento humano integral. Também neste caso nos dedicamos a algumas observações, remetendo para a leitura do texto.

Uma atenção particular, por exemplo, é reservada à *paz* que surge com a superação da "desigualdade" na distribuição dos bens e da iniquidade da guerra, a negação de todos os direitos e a agressão ao próprio ambiente natural. É forte o apelo à eliminação total das armas nucleares e à negação da tese da "guerra justa" ("Guerra nunca mais!"). É crucial, portanto, o tema do *perdão* e da reconciliação que não eliminam a necessidade de justiça. Não se trata de renunciar a direitos justos diante de um corrupto poderoso, de um criminoso ou de alguém que degrada a dignidade humana. Tampouco se trata de incentivar a impunidade: “A justiça procura-se de modo adequado só por amor à própria justiça, por respeito das vítimas, para evitar novos crimes e visando preservar o

bem comum, não como a suposta descarga do próprio rancor. O perdão é precisamente o que permite buscar a justiça sem cair no círculo vicioso da vingança, nem na injustiça do esquecimento.(n. 252).

Nesse sentido, é evidente que a *pena de morte* é inaceitável a nível moral e nem sequer legítima a nível penal devido à sua desproporção, como o é a prisão perpétua, uma espécie de pena de morte oculta. O cristianismo oferece uma contribuição decisiva na exaltação dos valores da paz, da vida, da justiça e do perdão. E aqui o pontífice cita uma bela passagem do seu discurso no encontro ecuménico de Riga, na Letónia, em setembro de 2018: “Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher.” (n. 277).

Mas também “as várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade” (n. 271). Como crentes, somos todos provocados a retornar sempre às nossas fontes espirituais que são a adoração a Deus e o amor ao próximo. Por isso, toda violência em nome do mesmo Deus é blasfémia, bem como toda hipocrisia que esconde desprezo, ódio, xenofobia e negação do outro. Para selar a imponente arquitetura temática, religiosa, moral e social da encíclica, o papa passa a palavra ao Beato Charles de Foucauld (1858-1916), o mártir do diálogo intercultural e inter-religioso no Saara argelino, que está prestes à sua iminente canonização.

Eis o seu testemunho no último parágrafo da encíclica: “Ele orientou o seu ideal de dedicação total a Deus para uma identificação com os últimos, os abandonados nas profundezas do deserto africano. Nesse contexto, exprimiu a sua aspiração de sentir qualquer ser humano como um irmão e pediu a um amigo: ‘Peça a Deus para que eu seja verdadeiramente o irmão de todas as almas deste país’. Enfim queria ser ‘o irmão universal’. Mas somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos. Que Deus inspire este ideal a cada um de nós. Amém” (n. 287).